



Chrys Chrystello*

O que é a Lusofonia - Parte 2

20 anos de colóquios de 2002 - 2022

Projeto de estudos Açorianos,

A vida sem provações não vale a pena ser vivida.

– Sócrates, Apologia, 38

O meu projeto megalómano era dar voz aos escritores das ilhas mágicas e assombradas a que ora chamo minhas, abaná-los das consciências súbtilas e resignadas, acenar-lhes com o mundo que iria querer conhecê-los e lê-los, mal soubessem que existiam. Pena terem-se contentado com as ilhas como auditório. Mais uma ideia destinada a granjear inimigos e invejas, se não me votassem ao ostracismo. Ninguém me contratara para a missão impossível, todos haviam sobrevivido, sem as minhas boas intenções. Eram conhecidos e gozavam de boa reputação no seio dos expatriados. Um best-seller eram (então) 300 livros em edições que o mundo desconhecia. Era urgente e imperioso. Tinham de ser ouvidos, lidos e estudados antes de tragados por cataclismos como o que afundara a Atlântida. Tudo começou quando os comecei a traduzir.

Não era fácil pois um escritor raramente se alcandora à fama nem se assume salvador do mundo, nem tampouco enviado por divindades para gravarem palavras na rocha sagrada e perpetuar a civilização. Traçavam no alvo papel os hieróglifos, no fluir ritmado das palavras ao som das ondas destes mares, entremeadas pelo cíclico estremecer de solos, em lembrança de Hefesto, Deus do fogo, metais e metalurgia, filho de Zeus e Hera. Ou seria recordando Hades, irmão de Zeus e Posêidon? Enquanto o primeiro detém os Céus, o segundo os Mares, Hades é o senhor do mundo subterrâneo, o inferno local para a moradia dos mortos.

A escrita desses autores fluía como a lava incandescente, que desceu a 25 junho 1563, da Serra de Água de Pau para destruir Vila Franca do Campo. Três dias depois há a erupção do Pico das Berlengas, e inundações torrenciais que arrastaram para o mar tudo quanto havia ficado de pé na Ribeira Grande, incluindo os moinhos. No Pico das Berlengas surgiu enorme cratera, a Lagoa do Fogo. Esses autores eram tão persistentes como tenazes foram os habitantes da Ribeira Grande que durante quatro décadas labutaram na reconstrução sem se deixarem vencer pela doença ou natureza. Sofrendo as inclemências do tempo, reconstruíram, limpando as terras, recompondo os moinhos, refazendo casas e reparando templos, erguendo nova ermida da Sra. de Guadalupe, na Igreja de S. Francisco onde forma a capela do Senhor Santo Cristo da Coluna.

Embora tivessem os livros lidos por centenas de pessoas no arquipélago e diáspora, continuavam a arar as palavras como terreno pedregoso sem húmus, mais duro que o basalto e mais inóspito. Estavam tão olvidados como a população, das erupções do arquipélago.

A erupção do vulcão das Furnas: (3 setº 1630) o mais perigoso dos Açores

Erupção do Cinzeiro, a maior, tipo pliniano, grande explosividade, emitindo um gigantesco volume de pedra-pomes e de material pulverizado. A nuvem obscureceu o Sol por três dias e cobriu a ilha com uma camada de cinzas que excedeu 1,5 m de espessura e se depositaram nas Flores a mais de 360 km. A pedra-pomes flutuante impedia a navegação nas proximidades da ilha. Causou centenas de mortos.

E se os governos se descuidam há séculos em cuidar dos açorianos que dizer dos que mal sabem da nossa existência? Por vezes, surge a exceção, como a 10 junho 2008 quando Daniel de Sá foi agraciado com o grau de oficial da ordem do Infante D. Henrique. Um grupo de amigos homenageou-o a 13 de junho. Em nome dos Colóquios propus a criação dos Estudos Açorianos: ... Podemos criar a cadeira de estudos e literatura açorianos, através de educação à distância, incluindo autores das nove ilhas, com o apoio duma instituição, fundação, etc., mesmo que não seja num qualquer programa curricular de licenciatura ou mestrado."

466.2. O Museu da Língua em Bragança, 10º Colóquio – Set.º 2009

Da Lusa: "O primeiro museu português da Língua Portuguesa pode surgir em Bragança, segundo um repto lançado no encerramento do 10º Co-

lóquio da Lusofonia.

O autarca quer aproveitar o balanço dos Colóquios da Lusofonia, que há sete anos reúnem na cidade transmontana representantes dos vários países lusófonos, para desenvolver o primeiro museu nacional da Língua Portuguesa. Jorge Nunes gostaria de ter, um espaço idêntico ao que já existe em S. Paulo, com a história e evolução da língua falada por 320 milhões de pessoas.

«Em Portugal não há um espaço museológico relacionado com a Língua Portuguesa e Bragança pode abraçar esse projeto», disse à Lusa. O vice-presidente da Academia de Ciências de Lisboa, Artur Anselmo, manifestou a disponibilidade a ajudar a instalar o Museu da Língua Portuguesa. A Academia portuguesa tem «um espólio muito importante relacionado com a defesa da Língua Portuguesa, desde os fins do século XVIII até hoje» que poderia disponibilizar para o novo museu, «Bragança é o lugar ideal porque está na confluência de dois mundos fundamentais da Língua Portuguesa, Portugal e a Galiza». A ideia mereceu o aplauso do linguista brasileiro Evanildo Bechara, que prometeu propor à Academia de Letras Brasileira, da qual é membro, o apoio ao museu português. O Presidente da Câmara de Bragança gostaria de congregas as «vontades necessárias, para que no próximo Colóquio os participantes pudessem discutir o projeto e fazer a validação em termos científicos».

Outro apoio com que o projeto conta, é o da Academia Galega da Língua Portuguesa, que teve dia 6 outº, Santiago de Compostela, o primeiro ato oficial, e nasceu no seio dos Colóquios da Lusofonia em Bragança. Os Colóquios irão desenvolver uma ação concertada com o Presidente da Câmara para a localização do Museu da Língua Portuguesa. Pretende-se que os Colóquios funcionem como motor (através de propostas de toda a sua rede) e de elo de coordenação das iniciativas das três academias na programação e na conceção do Museu, cujo projeto de viabilização será apresentado pela Câmara Municipal a fim de ser validado pelos Colóquios e pelas Academias em outubro de 2009. A ideia tem despertado a imaginação dos académicos e investigadores envolvidos pela sua ousadia e vanguardismo e vem culminar os esforços de vários anos através dos Colóquios da Lusofonia de fazer de Bragança a capital da Lusofonia. (in LUSA)

O Brasil, registou milhões de visitantes nos primeiros anos do Museu da Língua em São Paulo, para além de todas as expetativas. Haja vontade política (e embora sejamos independentes e subsidio independentes) é necessária vontade política para arrancar este projeto, e Bragança orgulhar-se de ser a segunda cidade no mundo a ter um Museu dedicado à Língua.

Claro que nada aconteceu. A Câmara dissociou-se dos Colóquios em 2010, para, posteriormente, avançar. Em 2020 o primeiro concurso foi anulado por ilegalidades.

Avançamos com o projeto e firmamos (2018) um protocolo com a Câmara de Belmonte para, no Museu dos Descobrimentos, serem incluídos três polos da Lusofonia. O primeiro das origens da língua à carta de Pero Vaz de Caminha [equipa multidisciplinar liderada pelo Professor Malaca Casteleiro, coadjuvado por Mª Francisca Xavier e Mª de Lourdes Crispim. Concluído e entregue antes do falecimento do professor Malaca (fev 2020) e da Mª Francisca (setº 2019)].